

Gravuras rupestres de Linhares

(A FRAGA DAS FERRADURAS)

POR

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Assistente da Faculdade de Ciências do Pôrto,
conservador do Museu Antropológico

Linhares (1) é uma freguesia do concelho de Carrazeda de Ansiães, de cujo limite meridional participa. As terras da freguesia estendem-se, uma parte ao longo do rio Douro na encosta pedregosa que lhe forma margem direita — é a *ladeira* — outra parte espraia-se ao cima da encosta no planalto sobranceiro — é a *chã*.

A leitura do trabalho *Vestígios do regimen agrário comunal* (2), em que o ilustre reitor de Baçal fala da *Fraga das ferraduras de Linhares*, ali me levou em Outubro de 1932 à cata da referida fraga.

Estando no Tua, appareceu de manhãzinha uma velhíssima

(1) Linhares é terra de nobres tradições. Já no século XI era lugar importante. Linhares e Ansiães são as primeiras terras do distrito de Bragança que tem foral, dado por D. Fernando I, magno, de Castela (1055-1065). (Vd. *Portugalia Monumenta Historica*, Leges et Consuetudines, pág. 343).

(2) P.^o Francisco Manuel Alves, *Vestígios do regimen agrário comunal*, in «Ilustração Trasmontana», vol. III, Pôrto, 1910, págs. 137-142.

As *Memórias de Anciães* por João Pinto de Moraes, reitor de S. João Baptista, extra-muros de Anciães, e António de Sousa Pinto, 1721 (manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa, *Relação de Vila Real*. Códice A-6-8, n.^o 222), referem-se a esta mesma Fraga das ferraduras nos seguintes termos: «Em o mesmo limite de Linhares está um sítio que chamam as ferraduras, cujo nome houve e conserva de uma grande pedra firme que nele está toda cheia destes sinais» (seguem-se os desenhos de quatro sinais em arco, como ferraduras de ramos longos e direitos).

caminheta que transportava sardinha para Carrazeda. Nela seguiu até ao alto da encosta.

A caminheta ameaçava desconjuntar-se a cada momento. O radiador fumegava desesperadamente em intermitências de ebulição activa. Naquela estrada cheia de curvas e de precipícios a direcção gingava nas mãos do *chauffeur* com uma folga que me causava arripios. Duas paragens tivemos a meio da subida por desarranjos no motor. Eis-nos chegados a S. Pedro, pequenina aldeia à borda da estrada. Apeei-me com um suspiro de alívio, por me ver livre dum tão perigoso meio de transporte.

De saca-mochila às costas, máquina fotográfica numa mão e saca do tripé na outra, meti pelo caminho de Linhares, depois de colher as indicações de rumo dadas prontamente por uma simpática velhinha de S. Pedro.

Em Linhares tomei guia e partimos para a ladeira.

Sobranceiro à povoação ergue-se um abrupto cabeço, onde, no dizer do meu guia — «houve na antiguidade um castelo dos mouros». É certamente um castro instalado em ótimas condições naturais de defesa, por serem íngremes e de escalada difícil as suas pedregosas encostas.

A escassez de tempo não me permitiu subir àquele cabeço para me certificar se sim ou não se trataria dum castro, como de resto permite supôr a referência do guia.

Caminhando para sudoeste passamos as *presas*, e o caminho que nos levava à *fraga das ferraduras* seguia agora pelo sítio do *penedo que bole*. Na verdade, rente ao caminho que conduz ao sítio das *ferraduras*, jaz um grande penedo achatado, de contôrno oblongo, a que já falta um naco de granito numa das pontas. Este penedo tem de comprimento 4^m,60 por 2^m de largura máxima. A sua altura no sítio mais grosso anda à roda de 1^m,10.

Quem subir às pontas do penedo fá-lo oscilar levemente. Tanto uma como outra das extremidades dêste penedo oscilante

estão polidas das brôchas do calçado daqueles que por ali passam e pincham no lombo do bloco de granito para o fazer bulir. Daí o nome de *penedo que bole* (1).

Logo abaixo, a pouco mais duma centena de metros fica o sítio das *ferraduras*, nome tirado da *fraga das ferraduras*, assim designada por muitos dos sinais que nela estão gravados serem em forma de ferradura.

A *fraga* em questão é um pequeno bloco granítico (fig. 1), que alinha na parede que veda, ao longo do caminho da ladeira, uma propriedade que é pertença de Zulmira Cricas.

A *fraga* é pequena, tem o dorso um tanto abaulado e nêle

(1) A esta *fraga* oscilante se refere D. Cândida Florinda Ferreira, a pág. 77 do seu trabalho *Carrazeda de Anciões — notas monográficas*, Lisboa, s. d.

São relativamente freqüentes os penedos baloiçantes naquela zona granítica. Ainda no concelho de Carrazeda de Ansiães, tenho conhecimento dum na freguesia de Pombal. D. Cândida Florinda Ferreira não fala nêle.

À amabilidade do sr. P.^e José Augusto Tavares devo não só o informe do penedo baloiçante de Pombal, mas também dos seguintes: no concelho de Freixo de Espada à Cinta um entre Lagoaça e Bruçó, conhecido pelo nome de *penha abolida*, e outro cêrca de 3 km. a sul de Fornos, para as bordas do Douro; no concelho de Moncorvo um entre a Cardanha e a Junqueira e mais três na quinta das Peiadinhas, perto das Olgas, termo dos Estevais.

Numa das minhas estadas em Chaves informaram-me da existência duma *fraga bolideira* no alto do Tronco, à borda da estrada de Vinhais e a cêrca de 10 km. a nascente de Chaves.

Em Valpassos, logo às portas da povoação, há também um enorme penedo baloiçante. É um grande bloco esferoidal de granito, com os seus 3 metros de altura. Há poucos anos um pesquisador de tesouros, com um tiro de dinamite, que meteu no alto do bloco, fêz-lhe saltar uma grande lasca. A oscilação que se consegue empurrando com fôrça é pouco aparente.

O meu guia procurou uma palha que colocou entre o penedo e um montículo de 2 ou 3 pedras acasteladas, de modo que a palha ficou algum tanto flectida, com uma ponta de encontro ao penedo e outra especada na última pedra do montículo. Aplicando fortemente o ombro de encontro ao penedo e observando a palha via-se variar o grau de flexão da mesma com as oscilações daquele enorme bloco de granito.

É certamente a este penedo oscilante que se refere a nota da pág. 401 das *Religiões da Lusitania*, vol. 1, Lisboa, 1897.

gravados 55 sinais, sendo 38 em forma de ferradura (1). No alto, à esquerda, constituindo um grupo com 3 ferraduras e em T, há



Fig. 1—Fraga das ferraduras—Linhares

duas cõvinhas. Alguns sinais tiveram de ser limpos dos numerosos líquenes que os mascaravam. O desenho da fig. 2, melhor que o

(1) São relativamente frequentes nas estações de arte rupestre de Trás-os-Montes e da Beira as gravuras em forma de ferradura.

Êstes sinais aparecem entre outros nos seguintes pontos: *Sítio das ferraduras* e *Eira da Codeceira*, na freguesia de Ribalonga; *Fraga das ferraduras*, na freguesia de Belver. Estas três estações são em termo do concelho de Carrazeda de Ansiães. Em *Outeiro Machado*, na freguesia de Aboboleira, Chaves. Esta estação foi descoberta e estudada pelo sr. prof. dr. Mendes Corrêa. Vd. *Art rupestre em Trás-os-Montes*, in «Revue Archéologique», Paris, 1929. As ferraduras aparecem ainda no *Outeiro do Salto*, em Mairós, Chaves, e na *Pedra escrita de Redevides*, na Vilarça. Êstes mesmos sinais encontram-se na *Fraga das ferraduras* junto a Macedo de Cavaleiros, de que nos falam o ilustre Reitor de Baçal, P.^o Francisco Manuel Alves, em *Vest. do reg. agrário comunal* já cit., e D. Cândida Florinda Ferreira em *Carrazeda de Ansiães— notas monog.* cit.

Na Beira aparecem as ferraduras associadas a cruzes e ψ ψ nas *Ferraduras Pintadas* de Bemfeitas, Oliveira de Frades, estudadas pelo prof. Amorim Girão no seu trabalho *Arte rupestre em Portugal (Beira Alta)*, in «Biblos», Coimbra, 1925, p. 5.

cliché, mostra o conjunto e disposição dos múltiplos sinais gravados. Predominam as ferraduras, mas a par delas há alguns sinais de-veras curiosos, que agrupei na fig. 3.

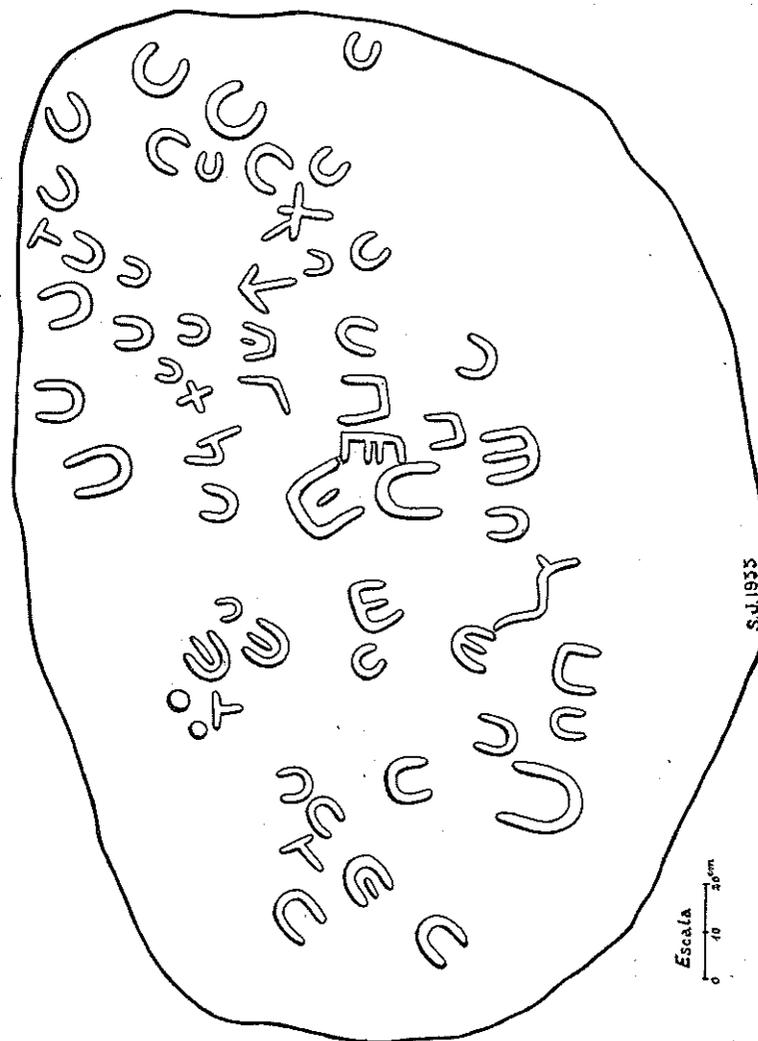


Fig. 2—Fraga das ferraduras—Linhares

Nas similares estações de arte rupestre do concelho que tive ensejo de estudar, e que são respectivamente a *Eira da Codeceira*

e o *Sítio das ferraduras*, na freguesia de Ribalonga, e a *Fraga das ferraduras* entre Belver e Fonte Longa ⁽¹⁾ não aparece entre as muitas dezenas de sinais daquelas três estações de arte rupestre nenhum que lembre os que apartei na fig. 3.

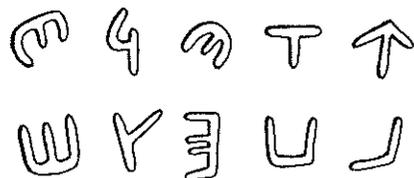


Fig. 3 — Alguns dos sinais da *Fraga das ferraduras*, Linhares, que podem ser considerados como símbolos alfabéticos

Estes curiosos sinais teem um aspecto alfabético, e lembram os sinais de Lerilla, gravados em xisto. No nosso Museu Antropológico da Faculdade de Ciências do Pôrto (oferta do rev.

Serafim Tella, por intermédio do ex.^{mo} sr. Francisco Pessanha) possuímos um pequeno xisto de Lerilla com sinais alfabéticos gravados (fig. 4).

Quando no regresso da minha jornada arqueológica do outono de 1932 mostrava ao colega e amigo dr. Rui de Serpa Pinto os croquis e fotografia das gravuras agora estudadas, antes mesmo que eu lhe desse conta de haver ocorrido ao meu espírito a semelhança entre algumas gravuras de Linhares e os sinais de Lerilla, aquele saudoso e malgrado companheiro de trabalho chamava a minha atenção para esse facto.

Quando observava os meus desenhos, também o sr. prof. dr. Mendes Corrêa chamou a minha atenção para o mesmo facto.

(1) Espero em momento oportuno dar de cada uma destas três estações de arte rupestre uma pequena notícia descritiva, em parte já elaborada, acompanhando os desenhos e fotografias que das mesmas fiz nas minhas jornadas arqueológicas por terras de Carrazeda.

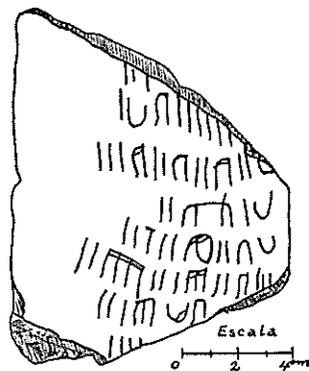


Fig. 4 — Inscricção do castro de Lerilla (placa existente no Museu Antropológico do Pôrto)

De maneira que, independentemente uns dos outros, vimos nós três, entre os sinais das ferraduras de Linhares, impressionantes semelhanças com alguns sinais de Lerilla.

Os sinais dos xistos de Lerilla estão dispostos em fiadas regulares, o que lhes dá um carácter de escrita, que imediatamente ocorre a quem os observa ⁽¹⁾.

Mas, se a forma de alguns dos sinais de Linhares, dada a sua semelhança com sinais de Lerilla, é de molde a permitir que lhe chamemos alfabéticos, a maneira um tanto irregular e um pouco ao acaso, como estão distribuídos, não vem confirmar a primeira impressão.

Em face da escassez presente de documentos de arte rupestre em que se repitam os sinais alfabéticos de Linhares, agora apontados, nada podemos concluir em definitivo.

Só novas descobertas permitirão dizer se a hipótese alfabética se confirma ou não. É ainda nevoenta a significação de muitas das gravuras rupestres.

Precisamente para a fraga das ferraduras de Linhares, e para as pinturas do Cachão da Rapa, da visinha freguesia de Ribalonga,

(1) No castro de Lerilla, próximo de Ciudad Rodrigo (Salamanca) apareceram centenas de placas de xisto com múltiplos caracteres epigráficos descobertos, constituindo verdadeiras inscrições. Os achados de Lerilla foram citados pelo sr. prof. Mendes Corrêa em 1929 em *A cronologia das mais antigas inscrições do noroeste peninsular*, pág. 42. Este trabalho constituiu o discurso inaugural da 6.^a secção do Congresso das Associações Portuguesa e Espanhola para o Progresso das Ciências realizado em Barcelona.

Em 1930 ocupa-se de Lerilla o distinto arqueólogo espanhol Juan Cabré no trabalho intitulado *El castro de Lerilla y sus placas de pizarra con inscripciones y sus grabados*, nas Actas e Memórias da Sociedade Espanhola de Antropologia, Etnografia e Prehistoria, tomo IX, págs. 163-174, Madrid, 1930.

O sr. prof. Mendes Corrêa voltou depois a ocupar-se das inscrições de Lerilla um pouco mais detidamente num trabalho intitulado *Les inscriptions de Alvão, Parada et Lerilla*, que foi presente ao Congresso Internacional de Antropologia realizado em Paris em 1931. Este trabalho sairá no *Compte-rendu* do Congresso, já em publicação.

o P.^o Francisco Manuel Alves, reitor de Baçal (1), emite a hipótese de que os sinais gravados e pintados destas estações de arte rupestre, fôsem talvez sinais que indicassem o fôro que cada habitante teria a pagar. Esta hipótese, curiosa mas inconsistente, foi sugestionada ao ilustre abade de Baçal pelo estudo que fêz de várias *talas* (2), em especial a de Calabor, aldeia vizinha de Rio de Onor, mas já em Espanha.

Pelo contrário, a significação simbólica de muitos dos sinais da arte rupestre, dos quais, por exemplo, as ferraduras, são tidas como estilizações da figura humana esquemática, é geralmente aceita. Nos rochedos cobertos de múltiplos sinais gravados, ferraduras e outros, estariam registados pelo homem de remotas eras cênas de guerra, verdadeiras batalhas, ou quaisquer outros acontecimentos sensacionais, que à vida da comunidade interessassem altamente.

Ainda dentro da significação simbólica, podem as múltiplas estações de arte rupestre ser consideradas como lugares reservados ao culto, como verdadeiros santuários.

Por tudo se vê que é cabido afirmar, como atrás fizemos, que é ainda nevoenta a significação de muitas das gravuras rupestres.

O aparecimento, em Linhares, de sinais gravados com aspecto alfabético, se não resolve a questão, se não vem inundar de luz o problema ainda em suspenso da verdadeira natureza destas gravuras rupestres, constitue ao menos uma sugestão para a solução de tal problema.

Universidade do Pôrto, Instituto de Antropologia, Junho de 1933.

(1) Francisco Manuel Alves, *Vest. do reg. agrário comunal*, cit.

(2) No trabalho citado no n.º precedente, as *talas* são assim definidas: «paus pouco mais ou menos de metro de comprimento, divididos por traços transversais de espaço a espaço, respondendo o número destes ao dos vizinhos do povo. É nestes espaços que se tomam as notas por sinais incisos a ponta de navalha».